

## **MENSAGEM DO FREI EUGÉNIO NOS 50 ANOS DO INÍCIO DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA (15.03.1961) EM 2011**

---

*Frei Eugénio Boléo*

### **GUERRA: ONDE OS CONTRA-VALORES SE APRESENTAM COMO VALORES**

A minha comissão em Angola como oficial de Marinha fuzileiro especial, foi de 1963 a 65 e quase toda passada nas fronteiras, no rio Zaire e em Cabinda.

A meio da comissão, tive que ficar a comandar o meu Destacamento e a ter que lidar com os Serviços de Informações Militares, a colaborar com a PIDE, a tratar de questões com informadores e refugiados no outro lado das fronteiras e a participar em reuniões operacionais a um nível que habitualmente se tinha quando se era comandante de batalhão.

Aos 25 anos “entrei” na podridão da guerra. Foi um choque tremendo!

Não era a guerra das operações militares, a guerra dos tiros, bazucas e morteiros. Era a “guerra” que estava por trás, onde não há escrúpulos, nem regras morais de qualquer espécie.

A tortura mexeu muito comigo.

Descobri que nas guerras modernas de guerrilhas são as populações civis que mais sofrem e vivem numa insegurança constante.

Descobri que as guerras criam uma situação em grande escala, onde os contra-valores se apresentam como valores.

Viver assim é viver no verdadeiro inferno, onde a História se faz com guerras e destruições sucessivas. É a espiral da violência como motor da História.

Foi no meu meio deste “quadro” que dentro de mim surgiu a convicção de que esse Deus que nunca ninguém viu, era mesmo Pai, como Jesus de Nazaré veio dizer.

Foi esta presença de Deus que passei a reconhecer que é Pai de cada um e de todos, violentos e violentados, que deu uma orientação nova à minha vida.

Descobri ainda que a maioria das pessoas que encontrava, militares e civis, mesmo os que se diziam crentes, no fundo de si mesmos tinham um grande receio de Deus, muito poderoso e distante, cuja protecção desejavam mas na qual acabavam por pouco confiar.

Senti-me impelido então a trocar as armas de guerra pelas armas de paz.

Mas sendo eu oficial de carreira, em plena guerra colonial era praticamente impossível sair da Marinha a não ser por motivos médicos muito graves. Ora saúde tinha eu!

Se pude trocar a farda branca e azul da Marinha pelo hábito branco e preto dos frades pregadores, foi graças a uma série de circunstâncias e de ajudas imprevisíveis. As coisas acontecem como Deus quer e quando Deus quer. Ontem, hoje e amanhã.

Muitos vieram do Ultramar com grandes traumas e eu também trouxe um pesadelo que me acompanhou durante muitos anos. Mas dou graças a Deus que me permitiu desenvolver até hoje a capacidade de me indignar e de ser persistente em causas consideradas perdidas ou que abalam as normas estabelecidas. Quando uma causa é inspirada por Deus e o homem se empenha nela, Ele próprio abre as portas ou deita abaixo os muros.

A paz, supremo Bem, não se constrói com guerras, sejam elas militares, económicas, religiosas, políticas ou culturais, mas apenas com as “armas” de Jesus concretizadas em gestos de PAZ.